



notícias



3ª WCSJ: consolidação da cidadania via divulgação do conhecimento científico

ISALTINA MARIA DE AZEVEDO MELLO GOMES

Jornalistas e divulgadores científicos de várias partes do mundo estiveram reunidos de 24 a 27 de novembro de 2002, na Universidade do Vale do Paraíba (Univap), em São José dos Campos-SP, durante a 3ª Conferência Mundial de Jornalistas Científicos (World Conference on Scientific Journalism), que ocorreu paralelamente ao 7o Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico e teve como tema central "Jornalismo Científico e Desenvolvimento Humano". Pela primeira vez realizada no hemisfério sul, a WCSJ apresentou resultados promissores, principalmente se considerarmos a criação da Federação Mundial de Jornalismo Científico (World Federation of Scientific Journalism – WFSJ), que vai congrega associações nacionais de jornalistas, escritores e divulgadores da ciência.

Assumiram a direção da WFSC: a canadense Veronique Morin, na presidência, o suíço Werner Hadorn e a colombiana Lisbeth Fog, nas duas vice-presidências. A nova entidade tem como desafio promover uma nova cultura de jornalismo científico, adequada ao século XXI e aos princípios da sociedade civil e da democracia. O incentivo à criação de associações de jornalismo científico em países em desenvolvimento e a promoção de treinamentos para jovens jornalistas, que serão realizados mediante cursos e visitas técnicas de curta duração, são algumas das ações a serem implementadas pela WFSJ. Esses treinamentos, que também têm como alvo central os países em desenvolvimento, serão inspirados na experiência colombiana, cuja associação de jornalismo científico promove cursos desde a década de 90.

A escolha do tema "Jornalismo Científico e Desenvolvimento Humano" para o evento se deveu ao fato de que é a produção do conhecimento científico que está por trás dos países hoje considerados desenvolvidos. Segundo Ulisses Capozzoli, pre-

sidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), num momento da história em que o desenvolvimento e a aplicação da ciência são vitais para a manutenção da sociedade humana, o debate sobre a nova função dos meios de comunicação social envolvidos com a divulgação do conhecimento científico é de fundamental importância.

Durante a 3a WCSJ, ficou claro que a alfabetização científica é uma das principais preocupações da atual direção da ABJC. Isso porque, embora a ciência tenha se integrado ao cotidiano das sociedades, ainda há, mesmo em países socialmente mais desenvolvidos, um desconhecimento significativo quanto à natureza, os objetivos e as potencialidades da investigação científica, o que compromete a perspectiva de consolidação da cidadania.

As três conferências, sete sessões plenárias, quatro painéis e nove sessões de apresentação de trabalhos orais que ocorreram durante a 3a WCSJ possibilitaram discussões pertinentes sobre a situação atual e as perspectivas da divulgação científica em termos mundiais. Os 320 jornalistas e estudantes brasileiros presentes ao evento puderam conhecer experiências do Japão, Alemanha, Nepal, Finlândia, Índia, EUA, Hungria, Colômbia, Inglaterra, Suíça, Argentina, China, Canadá e Filipinas, de onde veio parte dos 66 palestrantes. Prakash Khanal, membro da Associação Nepalesa de Jornalismo Científico, por exemplo, relatou que no seu país não há um trabalho de jornalismo especificamente científico. Fala-se de ciência em notícias do dia-a-dia. Já Wolfgang Goede, editor de ciência de uma das mais populares revistas da Alemanha, a P.M Magazine, declarou que a tarefa dos jornalistas científicos não é apenas levar os resultados dos projetos de pesquisa para a população, mas investigar a qualidade das pesquisas e também fazer crescer o interesse do público pelos temas científicos. Para tanto, devem procurar fórmulas criativas para tornar as matérias sobre ciência tão importantes quanto aquelas sobre política ou esportes.

Um dos temas mais discutidos no evento foi a formação do jornalista científico. Uma mesa redonda formada por Mariko Takahashi, editora do *Asahi Shimbun*, Lisbeth Fog, presidente da Associação Colombiana de Jornalismo Científico, e Fabiola de Oliveira, diretora de Publicações e Divulgação da ABJC e coordenadora do curso de Jornalismo da Univap, debateu o problema da formação desse profissional. Mariko Takahashi falou do importante papel que desempenha o repórter de ciência no Japão, mas, em seu país, não existe qualquer treinamento na universidade, os jornalistas científicos são formados no trabalho do dia-a-dia. Segundo ela, a formação de jornalistas especializados em ciência é uma questão problemática, tendo questionando se a sociedade está preparada para absorver a mão-de-obra dos jornalistas científicos.

Lisbeth Fog destacou que, na Colômbia, a principal atividade da associação de jornalismo científico, desde 1996, é treinar jornalistas, estudantes e pesquisadores na divulgação de ciência e tecnologia. Os cursos, realizados em convênio com universidades e jornais, treinam os alunos a escrever e falar sobre ciência de maneira interessante e sem descuidar da precisão. Na Colômbia, há 40 universidades com cursos de jornalismo e apenas quatro com disciplinas sobre jornalismo científico. A jornalista Fabíola de Oliveira, por sua vez, defendeu a inclusão da disciplina jornalismo científico nos projetos pedagógicos dos cursos de comunicação social. Para ela, a informação científica é um instrumento para entender a realidade e compreender as dimensões econômicas, sociais e políticas da sociedade. Assim, a formação e a prática em jornalismo científico são fundamentais não apenas para preparar jornalistas para atuar na divulgação científica, mas, principalmente, para formar profissionais críticos no exercício do jornalismo do dia-a-dia.

A 3ª WCSJ também foi um espaço privilegiado para o lançamento de livros sobre a história e a prática da divulgação científica no Brasil, que vieram enriquecer a ainda escassa bibliografia brasileira na área. Entre os lançamentos, destacam-se: *Jornalismo científico*, de Fabíola de Oliveira (São Paulo: Contexto, 2002, 89 p.), que traz um histórico do jornalismo científico e discute as perspectivas de um jornalismo atrelado ao rigor da ciência; *Ciência e público, caminhos da divulgação científica no Brasil*, organizado por Luisa Massarani, Ildeu de Castro Moreira e Fátima Brito (Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 230 p.), reúne artigos, entrevistas e depoimentos sobre experiências de divulgação científica e análises sobre educação científica e democratização do conhecimento; *A comunicação pública da ciência*, organizado por Cidival Sousa, Nuno Marques e Tatiana Silveir (Cabral, 195 p.), reúne relatos de experiências de divulgação científica para o público leigo e textos com abordagens históricas e filosóficas e sociológicas, e *Divulgação científica 96 verbetes*, de Isaac Epstein (Campinas: Pontes, 287 p.), uma compilação de explicações sobre diferentes temas científicos atuais que poderão auxiliar o trabalho dos que divulgam ciência e tecnologia.

Importantes instituições brasileiras como o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa) e a Fundação de Amparo à Ciência do Estado de São Paulo (Fapesp) se fizeram presentes à 3ª WCSJ, com exposições, no pavilhão de eventos da Univap. No mesmo pavilhão, também foram exibidos 27 *posters* de profissionais e estudantes brasileiros, argentinos e ingleses.

No último dia do evento, foi aprovada a *Declaração da Terceira Conferência Mundial de Jornalistas Científicos*. Os participantes reconheceram que ciência, po-

lítica, economia e jornalismo não são entidades separadas, mas interligadas nas culturas das sociedades modernas, e que a comunicação da ciência é a chave para aumentar a alfabetização científica do público em geral. Entre as recomendações, figuram a criação de redes e a educação de jornalistas científicos em todos os lugares, especialmente no mundo em desenvolvimento e a pressão a autoridades públicas e empresas privadas para que garantam o livre fluxo da informação e mais recursos, pessoal, espaço e tempo de programa não apenas para tópicos específicos de ciências, mas também para os componentes científicos e tecnológicos de todas as atividades humanas.

Pode-se dizer que a 3ª WCSJ deixou uma boa impressão nos convidados estrangeiros e não ficou nada a dever às conferências anteriores – a primeira realizada em Tóquio (Japão), em 1992, e a segunda em Budapeste (Hungria), em 1999. A 4ª WCSJ será realizada em Montreal (Canadá) em 2004. Por fim, merece destaque o fato de a ABJC, no ano em que comemorou o seu 25º aniversário, ter demonstrado uma enorme vitalidade ao conseguir trazer a conferência para o Brasil.

ISALTINA MARIA DE AZEVEDO MELLO GOMES é doutora em Lingüística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professora do Departamento de Comunicação Social da UFPE, lecionando na graduação de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. De 1996 a 2000, coordenou o GT Comunicação e Ciência, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

*Artigo agendado em setembro de 2002
e aprovado em janeiro de 2003.*